

RESENHAS

LITERATURA INFANTIL E IDEOLOGIA.

São Paulo, Global, 1984 (Teses)

Fúlvia Rosemberg.

A obra se constitui em uma coletânea de trabalhos publicados e inéditos, realizados entre 1975-1980 e originados da pesquisa *Análise dos Modelos Culturais na Literatura Infanto-Juvenil Brasileira*. À primeira vista, poder-se-ia imaginá-la uma colcha de retalhos, mera soma de artigos sem unidade. Felizmente, não é o caso deste estudo.

Foi com interesse de estudiosa e admiradora do trabalho de Fúlvia Rosemberg que esta resenhista, ela também preocupada com o assunto, iniciou a leitura de *Literatura Infantil e Ideologia*. Os capítulos iniciais foram lidos com serenidade e assentimento: muito acertada a proposta básica da obra no sentido de contribuir para a compreensão do significado social do ser criança, muito criteriosa a seleção da metodologia empregada na análise dos livros e muito significativa a amostragem (626 histórias). Tudo muito bem e muito bom.

No entanto, a partir do Capítulo IV (Características da Produção) e à medida que as páginas se sucediam, um outro interesse e um outro estado de ânimo foi se assenhorando desta resenhista, também, desde 1983, escritora de literatura juvenil. Acometida de um inexplicável ataque de *esprit de corps*, acompanhava estonteada o estudo de Fúlvia Rosemberg, desnudando as mazelas e falhas — das mais corriqueiras às mais sutis — de “nós” escritores.

A obra não deixa pedra sobre pedra de “nossa” literatura infantil. A autora e sua equipe epitetaram “nossas” produções tão queridas de... prosaicas, quando não, de improvisadas e sem coerência interna!

Minha Nossa! Que angústia e depressão quando por fim esta resenhista se defronta — golpe de misericórdia! — com o capítulo VI, dedicado à Narrativa. Insuportável mal-estar ao deparar com a “nossa” criação vira-

da e revirada pelo avesso, à exaustão, *ad nauseam* por aquela cirurgia, que sem compaixão e meias palavras, abre com lâmina fria de bisturi as chagas de uma literatura infantil comprometida com teses, bom mocismo, didatismo e os duvidosos valores tradicionais. Questões como a soberania do escritor no ato da criação vinham à mente para colidir, em seguida, com princípios da boa literatura (que jamais será a de tese)...

Literatura Infantil e Ideologia é um estudo valioso para professores, estudiosos e principalmente para... escritores (e ilustradores) de nervos de aço e consciência crítica. Vai além da simples exposição de dados estatísticos (já por si estarecedora) sobre discriminação e “domesticalização” medíocre. Mergulha nas águas nem sempre plácidas da ideologia. E há que concordar com Fúlvia Rosemberg: de fato, nossa literatura infantil está prenhe de tesismo, artificialismos, e, pior, de mensagens (des) educativas cujas ameaças à rebeldia e piegas premiações aos “bem-comportados” comprometem o entretenimento e enodoam a criação literária, meta maior de qualquer escritor que por assim se tenha.

E vale a pena viajar por este estudo tão bem tecido, constatar a indigência da relação unívoca adulto-criança e assombrar-se com o descaramento com que certos escritores impingem tantas desinteressâncias “literárias” a seu desprotegido leitor.

Infelizmente, a amostra em foco restringe-se aos livros editados entre 1965 e 1975. Seria desejável conferir o que a última década produziu. Por ora, resta a esperança de que estudos como este, instigantes e necessários, levem os produtores de literatura infanto-juvenil a uma detida reflexão sobre sua responsabilidades.

Silvia Cintra Franco